ISSN: 2358-8829

MENINOS E MENINAS, AMOR E RESPEITO

Ana Lina Barbosa dos Santos [1]
Maria do Carmo Pereira da Cunha [2]
Valéria Campos Nascimento [3]
Maria Rejane Aguido Pinto [4]
Francisca das Chagas Cardoso do Nascimento Santos [5]

INTRODUÇÃO

A escola desempenha um papel fundamental na formação cidadã das crianças, contribuindo para a construção de valores, atitudes e relações sociais pautadas no respeito, na igualdade e na convivência democrática. Nos primeiros anos de escolarização, as experiências educativas podem favorecer a compreensão de que meninas e meninos possuem os mesmos direitos e devem ter suas preferências, características e individualidades respeitadas. Nesse sentido, abordar as questões de gênero desde a infância constitui uma possibilidade de questionar estereótipos e prevenir práticas discriminatórias no ambiente escolar.

Além da promoção da igualdade de gênero, a escola também possui um papel importante na proteção dos direitos das crianças. A prevenção do abuso e da exploração sexual infantil requer ações educativas que favoreçam o conhecimento sobre o próprio corpo, o reconhecimento dos limites pessoais, o respeito ao outro e a identificação de adultos de confiança a quem recorrer diante de situações de medo, desconforto ou insegurança. Essas orientações precisam ser desenvolvidas de maneira cuidadosa, acessível e adequada à faixa etária, sem expor as crianças ou exigir que compartilhem experiências pessoais.

É nesse contexto que se insere o projeto de extensão *Meninos e meninas, amor e respeito*, desenvolvido no âmbito da disciplina Prática Pedagógica Interdisciplinar (PPI), do curso de Licenciatura em Educação Especial Inclusiva da Universidade Estadual do Piauí

[1] Graduanda no curso licenciatura em Educação Especial Inclusiva pelo PARFOR Equidade da UESPI; Bolsista CAPES do PARFOR Equidade; e-mail: lulajolina@gmail.com;
[2] Graduanda no curso licenciatura em Educação Especial Inclusiva pelo PARFOR Equidade da UESPI; Bolsista CAPES do PARFOR Equidade; e-mail: car48308@gmail.com;
[3] Graduanda no curso licenciatura em Educação Especial Inclusiva pelo PARFOR Equidade da UESPI; Bolsista CAPES do PARFOR Equidade; e-mail: valeriacampos858@gmail.com;
[4] Graduanda no curso licenciatura em Educação Especial Inclusiva pelo PARFOR Equidade da UESPI; Bolsista CAPES do PARFOR Equidade; e-mail: Rejane_js10@outlook.com;
[5] Professor orientador: Graduada em Pedagogia pela UESPI, Mestra e Doutora em Educação pela UFPI, Professora da SEMEC de Teresina-PI, Professora da SEDUC-PI, cfranciscadaschagas@gmail.com.

ISSN: 2358-8829

(UESPI), vinculado ao Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR Equidade). A intervenção foi realizada com estudantes do 1º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede municipal de ensino do estado do Piauí e teve como foco a igualdade de gênero, o respeito mútuo e a prevenção do abuso e da exploração sexual infantil.

A proposta surgiu da compreensão de que as crianças precisam ter acesso a informações que as ajudem a questionar estereótipos, reconhecer seus direitos e compreender a importância do respeito ao próprio corpo. Para abordar essas questões, foram planejadas atividades educativas e lúdicas, incluindo rodas de conversa, dinâmicas com cores, desenhos, histórias infantis, atividades de reconhecimento dos limites corporais, o semáforo do toque, palestra e ações de culminância.

Diante disso, o trabalho tem como objetivo relatar e analisar a experiência desenvolvida por meio do projeto *Meninos e meninas, amor e respeito*, destacando as estratégias pedagógicas utilizadas para abordar a igualdade de gênero, o respeito mútuo e a proteção do próprio corpo com crianças do 1º ano do Ensino Fundamental. Busca-se, ainda, refletir sobre as possibilidades de utilização de atividades lúdicas na promoção do diálogo, da prevenção da violência e da construção de um ambiente escolar acolhedor e protetivo.

METODOLOGIA

Este trabalho caracteriza-se como um relato de experiência, desenvolvido a partir de uma ação educativa de caráter extensionista, com abordagem qualitativa e finalidade descritiva. A perspectiva qualitativa, conforme Chizzotti (2010), permite abordar experiências em seus contextos, considerando significados, relações e situações que não se limitam à quantificação.

Partindo dessa perspectiva, a ação foi desenvolvida no âmbito da disciplina Prática Pedagógica Interdisciplinar (PPI), do curso de Licenciatura em Educação Especial Inclusiva da Universidade Estadual do Piauí, vinculada ao PARFOR Equidade. Participaram da proposta estudantes do 1º ano do Ensino Fundamental, com envolvimento dos professores cursistas e da equipe escolar. O projeto também previu a participação de uma profissional da Psicologia em uma atividade de orientação sobre o tema.

As atividades foram organizadas em momentos pedagógicos articulados, contemplando a discussão sobre igualdade de gênero, a compreensão dos limites do próprio corpo, a prevenção do abuso e da exploração sexual infantil e a retomada dos conteúdos trabalhados na culminância.

ISSN: 2358-8829

2.1 Atividades sobre igualdade de gênero

Inicialmente, foi proposta uma roda de conversa para identificar os conhecimentos prévios das crianças sobre as diferenças e semelhanças entre meninos e meninas. Foram utilizadas perguntas sobre brincadeiras, brinquedos, cores e atividades geralmente associadas a cada gênero, como jogar futebol, brincar de casinha, dançar balé, usar roupas de determinadas cores e escolher personagens para brincadeiras.

A intenção pedagógica foi estimular a reflexão sobre ideias socialmente construídas a respeito do que seria considerado próprio de meninos ou de meninas, favorecendo o diálogo sobre a liberdade de escolha e o respeito às preferências individuais.

Em seguida, foi realizada uma dinâmica com canetas nas cores rosa e azul, na qual as crianças puderam escolher a cor de sua preferência e conversar sobre suas escolhas. A atividade buscou problematizar a associação rígida entre cores e gênero, ressaltando que as preferências pessoais não devem ser limitadas por estereótipos.

Também foi utilizado um vídeo relacionado à história *Coisa de menino ou coisa de menina*, de Pri Ferrari. Após a apresentação, foram propostas perguntas sobre as ideias presentes na narrativa e sobre situações em que as crianças tivessem ouvido que determinada brincadeira ou atividade não seria adequada para meninos ou meninas.

Como atividade de expressão, as crianças foram convidadas a desenhar algo de que gostassem, inclusive atividades que pudessem ser vistas socialmente como destinadas ao outro gênero. A proposta previa a apresentação dos desenhos e a organização de um mural com a mensagem: “Aqui, todo mundo pode brincar, sonhar e ser quem é!”.

2.2 Atividades sobre proteção do corpo e prevenção da violência sexual

O segundo eixo da intervenção foi dedicado ao conhecimento do próprio corpo, ao respeito aos limites pessoais e à prevenção do abuso e da exploração sexual infantil.

Entre as atividades previstas esteve uma dinâmica simbólica relacionada à higiene corporal, denominada “banho mágico”. Nela, uma bolinha de papel era utilizada como sabonete imaginário, enquanto o mediador orientava a identificação de partes do corpo e conversava sobre suas funções, privacidade e proteção. A proposta buscava ampliar o conhecimento corporal e introduzir orientações sobre limites pessoais de maneira lúdica e apropriada à infância.

Na sequência, foi apresentada por meio de vídeo a história *Pipo e Fifi*, autoria de Fabíola Rodrigues. Após a exibição, foram propostas perguntas sobre a narrativa, os limites do

ISSN: 2358-8829

próprio corpo, os toques que provocam conforto ou desconforto e a importância de procurar adultos de confiança diante de situações que causem insegurança.

Outra atividade foi o semáforo do toque, recurso pedagógico utilizado para discutir situações de cuidado, desconforto e risco. As cores foram apresentadas da seguinte maneira: verde, para situações de contato percebidas como respeitosas e seguras; amarelo, para situações que exigem atenção ou provocam dúvida e desconforto; e vermelho, para situações inadequadas, invasivas ou que demandam a busca de ajuda.

Para a demonstração, foram utilizados bonecos representando uma menina e um menino, além de círculos coloridos que permitiam relacionar situações discutidas às categorias do semáforo. A atividade procurou enfatizar que as crianças têm direito à privacidade, ao respeito e à proteção, bem como podem buscar ajuda quando se sentirem ameaçadas ou desconfortáveis.

2.3 Palestra e orientações sobre o tema

A proposta também contemplou uma palestra com uma profissional da Psicologia, destinada a ampliar as orientações apresentadas às crianças e retomar os principais conteúdos do projeto. A atividade foi prevista como oportunidade de abordar a igualdade de gênero, o cuidado com o corpo, o respeito aos limites pessoais e a prevenção da violência de forma acessível à faixa etária.

2.4 Culminância do projeto

A culminância foi organizada por meio de um quiz com perguntas e respostas relacionadas aos temas trabalhados, com previsão de brindes para os alunos participantes. Também foi previsto um concurso de forró, apresentado como atividade de socialização articulada à discussão sobre respeito mútuo, seguido da retomada da dinâmica do semáforo do toque.

A retomada dos conteúdos teve como finalidade reforçar as orientações sobre igualdade, respeito, limites corporais e proteção. Dessa forma, a culminância buscou reunir os principais temas da intervenção em momentos de participação e interação entre as crianças.

O presente relato foi organizado a partir das atividades descritas no relatório final do projeto de intervenção e dos resultados percebidos pelos professores cursistas durante a execução das ações. Deste modo, a análise se apresenta na descrição da experiência e nas contribuições pedagógicas relatadas.

ISSN: 2358-8829

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Gênero, infância e construção das relações sociais

A discussão sobre igualdade de gênero na escola requer compreender que as ideias sobre o que seria próprio de meninos ou de meninas são construídas e reforçadas nas relações sociais, nos discursos e nas práticas cotidianas. Louro (2003) destaca o papel das instituições educativas na produção e na reprodução de normas e diferenças relacionadas ao gênero. Nesse sentido, a escola pode tanto reforçar estereótipos quanto desenvolver práticas que possibilitem questioná-los.

Essa perspectiva contribui para compreender a relevância de atividades pedagógicas que abordem as associações entre gênero, cores, brinquedos, brincadeiras e comportamentos. Ao propor perguntas sobre essas convenções, a escola pode criar oportunidades para que as crianças expressem suas opiniões e reflitam sobre a igualdade de direitos e o respeito às preferências individuais.

Felipe e Guizzo (2003), ao discutirem representações culturais e identidades infantis, contribuem para a reflexão sobre as mensagens presentes na sociedade que influenciam as maneiras como meninos e meninas são percebidos e orientados a se comportar. As representações culturais podem reforçar expectativas sobre aparência, vestuário, brincadeiras e atitudes, influenciando a compreensão das crianças acerca das diferenças de gênero.

Nesse contexto, a roda de conversa, a escolha de cores, os desenhos e a construção de um mural coletivo constituem estratégias possíveis para problematizar estereótipos em linguagem acessível. Essas atividades favorecem a participação infantil e permitem trabalhar a igualdade não apenas como um conceito abstrato, mas como princípio relacionado às escolhas, às brincadeiras e às relações estabelecidas no cotidiano escolar.

3.2 Escola, direitos da criança e prevenção da violência sexual

A escola também é um espaço importante para a promoção dos direitos das crianças e para a construção de ambientes acolhedores e protetivos. O UNICEF (2019) ressalta a importância de uma educação comprometida com os direitos humanos, a valorização da diversidade, o diálogo e o enfrentamento das diferentes formas de violência. Essa perspectiva reforça a necessidade de integrar a proteção da infância às práticas pedagógicas, considerando as responsabilidades da escola e sua articulação com as famílias e a rede de proteção.

A prevenção do abuso e da exploração sexual infantil envolve ações educativas que favoreçam o conhecimento sobre o corpo, a compreensão dos limites pessoais e o

ISSN: 2358-8829

reconhecimento da importância de procurar ajuda. Rodrigues e Mello (2024), ao analisarem ações preventivas desenvolvidas em contextos escolares, destacam a relevância da escola no enfrentamento da violência sexual contra crianças e adolescentes.

Essas ações precisam ser conduzidas de forma adequada à faixa etária, respeitando o desenvolvimento infantil e evitando abordagens que provoquem constrangimento ou exposição. O trabalho preventivo não deve transferir às crianças a responsabilidade de impedir a violência. Cabe aos adultos garantir proteção, acolhimento e encaminhamento adequado quando houver preocupação com a segurança de uma criança.

Silva et al. (2026), ao discutirem evidências científicas relativas às intervenções escolares de prevenção do abuso sexual, reforçam a importância de ações educativas voltadas à ampliação do conhecimento, ao reconhecimento de situações inadequadas e à identificação de formas de buscar proteção. As intervenções pedagógicas podem contribuir para esse processo quando apresentam informações compreensíveis, promovem a participação e retomam os conteúdos de maneira adequada.

Assim, histórias infantis, rodas de conversa, dinâmicas e recursos visuais podem constituir estratégias para tratar do cuidado com o corpo e do respeito aos limites pessoais. No entanto, sua utilização deve estar associada à escuta acolhedora, à orientação dos profissionais e à existência de procedimentos institucionais para proteger a criança diante de uma possível situação de violência.

3.3 Atividades lúdicas como estratégias de sensibilização

As atividades lúdicas podem favorecer a participação das crianças em discussões sobre direitos, convivência e proteção, especialmente quando os conteúdos são apresentados por meio de histórias, desenhos, brincadeiras e situações próximas de seu cotidiano. Essas estratégias permitem abordar temas complexos de forma acessível, criando oportunidades para expressão de ideias e esclarecimento de dúvidas.

No projeto *Meninos e meninas, amor e respeito*, as rodas de conversa e as dinâmicas sobre cores foram utilizadas para discutir estereótipos de gênero. Já as histórias infantis, a representação visual dos toques e as perguntas sobre adultos de confiança foram destinadas à abordagem dos limites corporais e da prevenção da violência.

A utilização dessas estratégias deve considerar que a participação em uma atividade não representa, por si só, comprovação de aprendizagem duradoura. É importante que os professores observem as respostas das crianças, retomem os conteúdos e criem oportunidades

ISSN: 2358-8829

de diálogo ao longo do tempo. Além disso, diante de um tema sensível como a violência sexual, as atividades precisam ser planejadas para garantir segurança emocional, privacidade e acolhimento.

Dessa forma, as estratégias lúdicas podem integrar um trabalho educativo contínuo sobre igualdade de gênero e proteção da infância, desde que estejam articuladas a práticas responsáveis, à formação dos profissionais e aos mecanismos institucionais de proteção.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experiência articulou atividades sobre igualdade de gênero, respeito às diferenças e proteção do próprio corpo, utilizando recursos lúdicos e momentos de diálogo adequados à faixa etária dos estudantes. A sequência reuniu rodas de conversa, dinâmicas com cores, leitura mediada por vídeo, desenhos, histórias infantis, atividades de reflexão sobre limites corporais, palestra e culminância com perguntas e respostas.

4.1 Igualdade de gênero e questionamento de estereótipos

As atividades iniciais foram organizadas para que as crianças expressassem suas percepções sobre o que é considerado próprio de meninos ou de meninas. As perguntas sobre cores, brinquedos, brincadeiras e atividades permitiram estruturar a discussão em torno de situações do cotidiano infantil.

A dinâmica com as canetas rosa e azul e a atividade baseada na história *Coisa de menino ou coisa de menina* procuraram problematizar as associações entre gênero e preferências pessoais. A proposta dos desenhos e do mural coletivo também ofereceu uma forma de expressão por meio da qual as crianças poderiam representar atividades de que gostam, sem limitar suas escolhas aos estereótipos tradicionalmente associados a meninos e meninas.

Essas estratégias se relacionam às reflexões de Louro (2003) sobre a participação das instituições educativas na construção das relações de gênero. Ao discutir práticas cotidianas e representações sociais, o trabalho pedagógico pode contribuir para que as crianças reconheçam que brinquedos, cores e brincadeiras não precisam ser definidos rigidamente pelo gênero.

Vivenciar a experiência permitiu avaliar que as atividades contribuíram para ampliar a compreensão dos estudantes sobre a igualdade entre meninos e meninas e a importância do respeito mútuo.

ISSN: 2358-8829

4.2 Conhecimento do corpo e prevenção da violência

O segundo eixo da experiência abordou o conhecimento do próprio corpo, os limites pessoais e a prevenção do abuso e da exploração sexual infantil. As atividades com a história *Pipo e Fifi*, a dinâmica simbólica relacionada à higiene e o semáforo do toque foram utilizadas para apresentar orientações sobre privacidade, respeito e identificação de situações que podem provocar desconforto ou insegurança.

A utilização do semáforo ofereceu uma referência visual para conversar sobre diferentes situações de contato e cuidado. A discussão sobre adultos de confiança também integrou a proposta, ressaltando a importância de buscar ajuda quando uma criança se sente ameaçada ou desconfortável.

Segundo a avaliação relatada no resumo da experiência, os estudantes ampliaram a compreensão acerca dos limites do próprio corpo, passaram a reconhecer situações de risco e compreenderam a importância de procurar adultos de confiança diante de possíveis situações de violência. Esses resultados estão relacionados aos objetivos preventivos da ação e às discussões apresentadas por Rodrigues e Mello (2024) e Silva et al. (2026) sobre o papel das intervenções educativas na prevenção da violência sexual.

A abordagem desse tema exigiu, ainda, atenção à forma de condução das atividades. As orientações sobre o corpo foram baseadas no respeito e na privacidade das crianças, de modo a não exigir relatos pessoais diante dos colegas.

4.3 A importância da escola na formação para o respeito e a proteção

A palestra proposta com uma profissional da Psicologia e as atividades de culminância buscaram retomar os conteúdos e ampliar o diálogo sobre o tema do projeto. O quiz foi planejado para revisar os assuntos abordados, enquanto as demais atividades procuraram promover a participação e a socialização dos estudantes.

A experiência reforça a possibilidade de articular a discussão sobre igualdade de gênero com a promoção dos direitos da criança. Ao tratar de escolhas, respeito às diferenças, limites pessoais e proteção, a escola pode contribuir para a construção de relações mais acolhedoras e para a disseminação de informações importantes à infância.

Essa perspectiva dialoga com o UNICEF (2019), que destaca a relevância de ambientes educativos seguros, inclusivos e comprometidos com os direitos das crianças. Também se relaciona às contribuições de Felipe e Guizzo (2003), ao considerar a influência das

ISSN: 2358-8829

representações culturais na formação das percepções infantis sobre gênero, corpo e comportamento.

A análise da experiência indica a importância de que essas ações não sejam realizadas de maneira isolada. A continuidade das discussões, o envolvimento dos profissionais da escola e a articulação com as famílias e a rede de proteção são aspectos relevantes para sustentar um ambiente educativo comprometido com a prevenção da violência.

A experiência evidencia a importância de incluir a igualdade de gênero e a proteção da infância nas práticas pedagógicas, utilizando estratégias adequadas à idade e criando oportunidades para que as crianças conversem sobre respeito, privacidade, direitos e busca de ajuda.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto *Meninos e meninas, amor e respeito* foi desenvolvido com o propósito de promover reflexões sobre igualdade de gênero, respeito mútuo e proteção do próprio corpo entre estudantes do 1º ano do Ensino Fundamental. Por meio de atividades lúdicas e educativas, a proposta articulou rodas de conversa, dinâmicas com cores, histórias infantis, desenhos, orientações sobre os limites corporais, semáforo do toque, palestra e atividades de culminância.

A experiência permitiu abordar, em linguagem adequada à infância, estereótipos relacionados a meninos e meninas, o direito ao respeito às preferências individuais, a privacidade e a importância de buscar ajuda diante de situações que provoquem medo, desconforto ou insegurança. As estratégias utilizadas também destacaram o papel da escola na promoção da cidadania, no desenvolvimento de relações respeitosas e na proteção integral das crianças. Conforme os professores cursistas que participaram da intervenção, foi possível perceber que os estudantes refletiram sobre a igualdade de gênero, os limites do próprio corpo e a importância de recorrer a adultos de confiança diante de possíveis situações de violência.

Conclui-se que ações educativas sobre igualdade de gênero e prevenção da violência sexual infantil são relevantes para o trabalho pedagógico, desde que realizadas de forma acolhedora, cuidadosa e adequada à etapa de desenvolvimento das crianças. Recomenda-se a continuidade de iniciativas dessa natureza, com formação dos profissionais, participação da comunidade escolar e articulação com as famílias e a rede de proteção. Esses procedimentos poderão fortalecer a avaliação das práticas desenvolvidas e contribuir para o aprimoramento das ações educativas voltadas à garantia dos direitos da infância.

ISSN: 2358-8829

REFERÊNCIAS

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais.** 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

FELIPE, Jane; GUIZZO, Bianca Salazar. Erotização dos corpos infantis na sociedade de consumo. **Pro-Posições**, Campinas, v. 14, n. 3 (42), p. 119–130, set./dez. 2003

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

RODRIGUES, Rafaela Maria; MELLO, Roseli Rodrigues de. Escolas no combate à violência sexual contra crianças e adolescentes: análise bibliográfica de ações preventivas. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 123, p. 1-23, abr./jun. 2024.

SILVA, Jessica De Lucca da et al. Intervenções para a prevenção do abuso sexual de crianças e adolescentes em ambientes escolares: evidências científicas. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 2, e05752024, 2026. DOI: https://doi.org/10.1590/1413-81232026312.05752024.

UNICEF BRASIL; CIDADE ESCOLA APRENDIZ. **A educação que protege contra a violência.** 2019. Disponível em: https://www.unicef.org/brazil/relatorios/educacao-que-protege-contra-violencia. Acesso em: 27 out. 2026.